

A questão da transição e do fim do estado nas obras do Marx tardio

Pedro Leão da Costa Neto

Como citar: COSTA NETO, P. L. D. A questão da transição e do fim do estado nas obras do Marx tardio. *In* : ROIO, M. D. (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.315-328. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-596-4.p315-328>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A QUESTÃO DA TRANSIÇÃO E DO FIM DO ESTADO NAS OBRAS DO MARX TARDIO

*Pedro Leão da Costa Neto**

Como é sabido, a questão da transição e do fim do Estado ocupa um importante lugar na reflexão de Karl Marx e na tradição marxista. A sua importância e a extensão dos problemas envolvidos, desde as suas fontes, passando por questões filológicas, até os problemas associados a experiências da transição socialista no século XX¹, nos obriga, nos limites de um capítulo, a estabelecer um recorte no interior desta problemática. O objetivo deste texto será então o de chamar a atenção, em particular, ao tratamento dado por Marx a estas questões, no período entre 1871 e 1883 – ou seja, o período aberto pela experiência da Comuna de Paris e concluído com a sua morte, período que podemos nomear como do Marx tardio.

¹ Para uma análise sistemática dos inúmeros problemas associados a questão do fim do Estado, consultar: Zolo (1974). Igualmente importante, no referente as questões filológicas (o vocabulário marxista não é uniforme, utiliza, muitas vezes sem a devida distinção, as palavras destruição, desaparecimento, abolição do Estado), a nota de Daniel Bensaïd, sobre a referida questão. (BENSAÏD, 2008, p.39).

A escolha desse recorte está associada a duas ordens de questões. Em primeiro lugar, ao nosso pressuposto teórico-metodológico, que o desenvolvimento e a sistematização da problemática teórica sobre a Ditadura do Proletariado e do fim do Estado, no interior da tradição marxista clássica, estão indissociavelmente ligada às grandes experiências revolucionárias do século XIX e XX: o primeiro momento, corresponde às sistematizações de Marx baseado nas revoluções de 1848 (*A Luta de Classes na França de 1848 a 1850, 18 Brumário de Luis Bonaparte* e Carta de Karl Marx a J. Weydemeyer de 5 de março de 1852); o segundo, às reflexões de Marx (*A Guerra Civil na França* e os diferentes Rascunhos que a antecederam, *Crítica ao Programa de Gotha*) e Engels (*Anti Dühring*) sucessivas à Comuna de Paris de 1871, e o terceiro, aos escritos de Lenin contemporâneos a Revolução Russa de 1917 (*O Estado e a Revolução*, a conferência *O Estado*). Em segundo lugar, remete ao lugar que a problemática do fim do Estado assumiu no período do nomeado Marx tardio e da sua relação com o conjunto da reflexão de Marx neste referido momento.

Entretanto, antes de nos ocuparmos do nosso objeto, inicialmente faremos algumas observações sobre o surgimento da temática da Ditadura do Proletariado e do fim do Estado no final da década de 1840 e início dos anos 1850 – período correspondente as suas primeiras elaborações sobre estas temáticas - e também pela razão de que Marx, em suas obras sucessivas, não raramente retornava as suas elaborações anteriores.

As primeiras observações, sobre a Ditadura do Proletariado e o fim do Estado, como questões centrais para a emancipação política do proletariado, são um claro resultado das reflexões e do balanço sobre a experiência revolucionária de 1848 e de seu desenlace. Por exemplo, para nos limitarmos apenas a algumas passagens, Marx na parte VII do *Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*, após nos oferecer uma análise da formação e desenvolvimento do Poder Executivo na França, desde a monarquia absoluta até a República saída das jornadas de fevereiro de 1848, observa: “Todas as revoluções somente aperfeiçoaram a máquina em vez de quebra-la.” (MARX, 2011, p. 141).²

² Em sua Carta a Kugelmann de 12 de abril de 1871, referindo-se aos acontecimentos de Paris Marx nos remete claramente a essa passagem: “Se você olhar o último capítulo de meu *Dezoito de Brumário* verá que digo que a próxima tentativa da revolução francesa não será mais, como antes, de transferir a máquina burocrática militar de uma mão para outra, e sim de *esmagá-la*, e isto é essencial para qualquer revolução popular no Continente. E isto é o que nossos heroicos camaradas do Partido estão tentando em Paris.” (MARX, 1969, p. 291).

Por sua vez, a ideia da Ditadura do Proletariado, como instrumento para a emancipação política do proletariado, foi desenvolvida, em uma passagem de *A Luta de Classes na França de 1848 a 1850*. Marx referindo-se ao socialismo revolucionário, ao comunismo, afirma:

Este socialismo é a declaração da revolução permanente, da ditadura de classe do proletariado como ponto necessário de transição para a supressão das diferenças de classe em geral, para a supressão de todas as relações de produção sobre as quais essas descansam, para a supressão de todas as relações sociais que correspondem a essas relações de produção, para a subversão de todas as ideias que brota destas relações sociais. (MARX, 1980, p. 288, grifo do autor).

E em sua célebre carta a Joseph Weydemeier de 5 de março de 1852, escreve de forma assertiva e sintética:

No que se refere a mim, não me cabe o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade moderna nem a luta entre elas. Muito antes de mim, alguns historiadores burgueses haviam já exposto o desenvolvimento histórico desta luta de classes e alguns economistas burgueses a anatomia econômica das classes. O que eu contribuí de novo foi demonstrar: 1) que a *existência das classes só está associada a determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção*; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, a *ditadura do proletariado*; 3) que esta mesma ditadura não é, por si só, mais que uma transição em direção à *abolição de todas as classes* e no sentido de uma *sociedade sem classes*. (MARX, 1980, p. 542, grifo do autor).

Será, entretanto, a partir da experiência da Comuna de Paris e da reflexão sucessiva de Marx sobre as lutas e as organizações políticas do proletariado, na última década de sua vida, que as questões relacionadas à Ditadura do Proletariado e ao fim do Estado assumiram contornos definitivos. Estamos convencidos, igualmente, que estas análises encontram clara correspondência na totalidade das reflexões desenvolvidas por Marx no referido período, reflexões estas, que possuem um importante alcance teórico-metodológico.

É importante lembrar que inúmeros autores já destacaram a centralidade deste período no interior da obra de Marx, citaremos aqui dois que sublinharam de forma enfática a sua grande importância. O primeiro deles,

o filósofo italiano Cesare Luporini caracteriza, da seguinte maneira, este período : “[O] momento de máxima maturação da metodologia de Marx e de máxima flexibilidade de sua concepção histórica, momento no qual ele dissolve definitivamente qualquer equívoco desta concepção, com uma filosofia da história ou teoria histórico-filosófica.” (LUPORINI, 1981, p. 85).

Talvez, ainda de forma mais assertiva, a importância deste período é destacada pelo marxista espanhol Manuel Sacristán: “Em certo sentido, esta é a época mais teórica de Marx.” (SACRISTÁN LUZON, [1983?], § 4.4).³

Marx desenvolve, neste período, um intenso trabalho teórico materializado em diferentes escritos, que estão em estreita relação com a trágica experiência da Comuna de Paris e de importantes episódios sucessivos da história do movimento operário. Cobre esse cenário as lutas políticas e ideológicas no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores, que culminaram com a transferência do seu Conselho Geral para Nova Iorque (1872) e a sua sucessiva dissolução em 1876, e o combate contra diferentes correntes ideológicas no interior do movimento operário (Proudhon, Lassalle e Bakunin, entre outros). A documentação pertinente é a que se segue:

1871: *A Guerra Civil na França* (e seus diferentes rascunhos);

1872: Discurso de Marx sobre o Congresso de Haia.

1874-1875: *Notas sobre o livro de Bakunin*: “Estatismo e Anarquia”;

1875: *Crítica ao Programa de Gotha*;

1879-1880: *Notas marginais ao “Tratado de Economia Política” de Adolph Wagner*;

1877-1881: Escritos sobre a Rússia, em particular: *Carta a Redação de “Otietchestviennie Zapiski”* e *Rascunhos e Carta a Vera Zaslitch*;

1881: Entrevista de K. Marx ao representante do Jornal “The World” de 18 de julho de 1881;

³Esta afirmação de Sacristán Luzon ([1983?]) se justificaria, tanto, “pelas tentativas de formalização matemática de aspectos de sua teoria” § 4.4.1; como também, “[...] a prática científica deste velho Marx mostra claramente um ganho de espírito científico em união com as motivações políticas”. § 10.4. Este documento reproduz um conjunto de notas de leitura do marxista espanhol depositados no Arquivo Manuel Sacristán.

1880-1882: *Notas etnográficas de Karl Marx* (em particular as notas de leitura ao livro de Lewis Henry Morgan, “*A Sociedade Antiga*”, que foram posteriormente utilizadas por F. Engels para a redação de “*A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*”).

E entre sua extensa correspondência:

Carta a Kugelmann de 12 de abril de 1871;

Carta a Kugelmann de 17 de abril de 1871;

Carta de Marx a Bolte de 23 de novembro de 1871;

Carta de Marx a Liebknecht de 11 de fevereiro de 1877;

Carta de Marx a Sorge de 19 de outubro de 1877;

Carta de Marx e Engels a Bebel, Liebknecht, Bracke e outros de setembro de 1879, em particular a parte III. Manifesto dos três de Zurich;

Carta a Sorge de 19 de setembro de 1879;

Carta de Marx a Hyndman de 8 de dezembro de 1880;

Carta de Marx a Domela Nieuwenhuis de 22 de fevereiro de 1881.

Nestes manuscritos (que em grande parte foram publicados apenas postumamente) se destaca, com diferentes aspectos, um conjunto de temas associados à questão do Estado: a formação e desenvolvimento do Estado moderno, a Ditadura do Proletariado, a questão do fim do Estado, da possibilidade de diferentes vias de transição ao Comunismo e a possibilidade de uma eventual passagem pacífica ao socialismo. Marx se ocupa, igualmente, de um conjunto de questões associadas às organizações políticas e a estratégia do movimento revolucionário do proletariado: a necessidade da organização política independente do proletariado e da elaboração de uma política clas-sista; a luta contra o indiferentismo político (em particular contra os bakuninistas e proudhonianos), o combate ao crescente oportunismo entre as organizações operárias europeias, entre outras observações críticas. Por fim, este período é, como já destacamos, igualmente relevante, pelas consequências teórico-metodológicas implícitas nestes escritos.

Nunca é demais repetir que as análises de Marx desenvolvidas, neste período, sobre a Ditadura do Proletariado e o fim do Estado, estão indissociavelmente ligadas, tanto aos acontecimentos históricos enumera-

dos acima, quanto às lutas políticas no interior das organizações do movimento operário. Ocupemo-nos mais de perto de algumas destas passagens de Marx.

O primeiro importante escrito que devemos destacar, no tocante a questão do Estado, são os diferentes rascunhos de *A Guerra Civil na França*, em particular o Primeiro Rascunho⁴ (LUPORINI, 1981, p. 85). Marx inicia com uma conhecida análise da máquina estatal:

A máquina estatal centralizada, que com seus onipresentes e complicados órgãos militares, burocráticos, clericais e judiciários, constringe (estrangula) a sociedade viva tal qual uma jiboia, foi primeiramente forjada nos dias da monarquia absoluta como uma arma da nascente sociedade moderna em sua luta para emancipar-se do feudalismo. (LUPORINI, 1981, p. 85, 125).

Após fazer uma exposição da formação e do desenvolvimento do Estado na França, desde a sua origem durante a monarquia absoluta, analisa em seguida a sua modernização durante a Revolução Francesa e a intensificação de seu caráter de dominação de classe, resultante do aguçamento do conflito entre burguesia e proletariado, concluí afirmando:

Todas as revoluções, [...] apenas aperfeiçoaram a maquinaria estatal, em vez de se livrar desse pesadelo sufocante. As frações e partidos das classes dominantes, que lutavam alternadamente pela supremacia, consideravam a ocupação (controle) (conquista) e a direção dessa imensa máquina de governo como o principal butim do vencedor. (LUPORINI, 1981, p. 126).

Em sentido contrário a esta experiência histórica, Marx afirma:

A verdadeira antítese do *próprio Império* – isto é, do poder estatal, do Executivo centralizado do qual o Segundo Império fora somente a fórmula exaustiva – foi a *Comuna*. [...] Todas as reações e todas as revoluções serviram tão somente para transferir esse poder organizado – essa força organizada da escravização do trabalho – de uma mão para outra, de uma fração das classes para outra. [...] Foi, portanto, uma revolução

⁴ Luporini (1981, p. 85, 125), em particular o Parágrafo “O Caráter da Comuna pertencente à A Guerra Civil na França (Primeiro Rascunho)”, p. 125-132. Uma rápida comparação seria suficiente para mostrar a estreita semelhança existente entre os parágrafos iniciais do referido escrito com a passagem, referida anteriormente, de *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*.

não contra essa ou aquela forma do poder estatal, seja ela legítima, constitucional, republicana ou imperial. Foi uma revolução contra o Estado mesmo, este aborto sobrenatural da sociedade, uma reassunção, pelo povo e para o povo, de sua própria vida social. A Comuna foi sua direta negação (do Segundo Império) e, assim, o início da Revolução Social do século XIX. (LUPORINI, 1981, p. 127).⁵

Marx retornará, ainda, ao problema da destruição do Estado burguês, no Parágrafo 5. “A Comuna” do Segundo Rascunho:

Mas o proletariado não pode, como o fizeram as classes dominantes e suas diferentes frações rivais nos sucessivos momentos de seu triunfo, simplesmente se apossar desse corpo estatal existente e empregar esse aparato pronto para seu próprio objetivo. A primeira condição para a manutenção do poder político é transformar [a] maquinaria estatal e destruí-la – um instrumento de domínio de classe.

[...] Mas a classe operária não pode simplesmente se apossar da maquinaria estatal tal como ela se apresenta e dela servir-se para seus próprios objetivos. O instrumento político de sua escravização não pode servir como o instrumento político da sua emancipação. MARX, 2011, p. 169, 172).

Enfim, estas análises, desenvolvidas nos referidos Rascunhos, serão retomadas no parágrafo III de *A Guerra Civil na França Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores*. (MARX, 2011, p. 54ss)

Marx retomará igualmente estas questões em seus escritos posteriores, quando aparecerá indissociavelmente ligada a uma dupla polêmica, por um lado, contra os bakuninistas e, por outro lado, contra os lassalleanos a respeito da questão do Estado e da sua importância durante o período de transição.

Em suas *Notas ao livro de Bakunin*, “Estatismo e Anarquia” (MARKS, 1969, p. 715)⁶, respondendo às críticas de Bakunin - que fre-

⁵ Em carta a Kugelmann, Marx reafirma, este exemplo irreversível da Comuna de Paris para luta de classes futura: “A luta da classe operária contra a classe capitalista e seu domínio entrou em nova fase com a batalha de Paris. Sejam quais forem os resultados imediatos, um novo ponto de partida de importância mundial foi conquistado.” (MARX, 1969, p. 291).

⁶ MARKS, K. Notas ao livro de Bakunin “Estatismo e Anarquia”. In: KAROL MARKS, K.; ENGELS, F. *Dziela XVIII*, Warszawa: Książka i Wiedza, 1969, p. 675 – 730. (Tradução polonesa da MEW - citado a partir de agora como *MED*).

quentemente associava as concepções de Marx às de Lassale - voltará a reafirmar a necessidade de o proletariado constituir-se como classe dominante e do emprego da violência revolucionária como única forma capaz de acelerar o processo da superação da luta de classes e dos fundamentos econômicos da existência destas classes.

Por sua vez, na *Crítica ao Programa de Gotha*, endereçada à tradição lassalleana, Marx reafirma o conceito da Ditadura do Proletariado, concebido como período de transformação revolucionária entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista: “entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra. A ele corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser senão *a ditadura revolucionária do proletariado*.” (MARX, 2012, p. 43, grifo do autor).

Como sabemos, Marx neste mesmo texto, expõe sua famosa distinção entre as duas fases da sociedade comunista, ou seja a distinção entre a “primeira fase da sociedade comunista tal qual ela acaba de surgir da sociedade capitalista, tal como ela surge, depois de um longo e doloroso trabalho de parto, da sociedade capitalista” e a “fase superior da sociedade comunista, quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre o trabalho intelectual e manual.” (MARX, 2012, p. 31).

A reafirmação do conceito de Ditadura do Proletariado se encontra indissociavelmente associado à contundente crítica que Marx endereça à formulação de defesa de um Estado Livre presente no Programa de Gotha:

O Partido Operário Alemão – no caso de adotar esse programa - mostra que as ideias socialistas não penetraram nem a camada mais superficial da sua pele, quando considera o estado um ser autônomo, dotado de seus próprios “*fundamentos espirituais, morais e livres*”, em vez de afirmar a sociedade existente (e isso vale para qualquer sociedade futura) como *base* do Estado existente (ou futuro, para uma sociedade futura).(MARX, 2012, p. 42. Grifo do autor).⁷

⁷ Em uma passagem das *Notas ao livro de Bakunin* “Estatismo e Anarquia”, Marx refere-se ao Estado Popular é um nonsens liebknechtiano, dirigido contra o *Manifesto Comunista*, MED XVIII. (MARKS , 1968, p. 722).

Outra preocupação política, presente neste período da obra de Marx, é associada à necessidade da organização política independente do proletariado e da elaboração de uma política classista, que permitiria ao proletariado constituir-se como classe autônoma frente à burguesia e seus partidos. Estreitamente associada a este problema é a crítica desenvolvida por Marx ao indiferentismo político defendido por diferentes correntes no interior do movimento operário internacional (por exemplo, os bakuninistas e proudhonianos).

Marx reafirma o papel indispensável da luta política, da necessidade da organização do proletariado em partido político, da sua independência em relação aos partidos burgueses e da necessidade de se combater o oportunismo crescente dentro do movimento operário. Demonstra a sua preocupação com a crescente corrupção da classe operária inglesa e, em particular, dos seus dirigentes sindicais desde 1848 e do seu atrelamento ao partido liberal “o partido de seus opressores capitalistas,” (MARKS, 1976).

Preocupação semelhante é expressa por Marx em relação ao Partido Socialdemocrata alemão, em particular aos seus dirigentes, “entre os quais se manifestava um espírito podre” (MARKS, 1976), e das diferentes concepções que combatiam o caráter proletário do Partido e procuravam transformá-lo em um partido de todos que possuíssem um verdadeiro amor pela humanidade, substituindo desta maneira o combate político, por uma tentativa de convencer a burguesia através de uma enérgica propaganda⁸. Nestes textos, Marx expressou a sua preocupação, com as consequências teóricas destas concepções políticas, ou seja, a substituição de uma concepção com fundamentos materialistas, “por um ideal superior [...] por uma mitologia moderna com suas deusas Justiça, Igualdade, Liberdade e Fraternidade” (MARKS, 1976, p. 331-333).

Neste mesmo momento histórico aberto pela Comuna de Paris e pelas diferentes experiências políticas do proletariado, Marx reflete em torno do caráter não *necessário* de uma única via de transição (questão que como sabemos se tornará de importância decisiva no interior da experiência revo-

⁸ MARKS (1976, p. 433-449) em particular a parte III. Manifesto aos três de Zurich. Marx retornará a estas críticas na Carta a Sorge de 19 de setembro de 1879, In: (MARKS, 1976, p. 452-457) Para uma análise das relações entre “Marx, Engels e a Social-democracia alemã”, nestes anos: Cf., o parágrafo dedicado a esta questão no Capítulo IV do livro de Michel Löwy (2002, p. 239-245).

lucionária do século XX), indicando, inclusive, a *possibilidade*, de uma eventual transição pacífica em alguns países, referindo-se, por exemplo:

Os trabalhadores precisam um dia conquistar o poder político, para construir uma nova organização do trabalho, precisam derrotar a velha política, que defende as velhas instituições. [...].

Nunca, entretanto, afirmamos que para a conquista destes fins será sempre necessário aplicar os mesmos meios.

Sabemos o peso que se deve atribuir às instituições, costumes e tradições de cada país; não negamos igualmente, que existem alguns países como a América, Inglaterra e talvez se conheça melhor as suas instituições, poderia nomear talvez, e a Holanda, aonde os trabalhadores podem alcançar os seus fins, com meios pacíficos. Porém, ainda que isso seja verdadeiro, precisamos reconhecer que na maioria dos países do continente a alavanca da nossa revolução deve ser a força, será necessário por algum tempo utilizar a força para instaurar o poder do trabalho. (MARKS, 1969, p.178).⁹

Marx retornará ainda em outros escritos, a questão da *possibilidade* ou da *necessidade* de uma revolução (violenta) ou da transição pacífica, o seu desenlace dependeria, segundo o nosso autor, das diferentes correlações de força existentes no interior de cada país, do grau de consolidação das instituições e também da resistência oferecida pelas classes dominantes às transformações sociais¹⁰. Em outro momento, Marx, referindo-se a questões semelhantes, sublinhou de igual maneira que será a classe operária de cada País a escolher os meios a serem utilizados em cada situação determinada (MARKS, 1968, p. 746). Entretanto Marx destacava que na maioria dos países europeus será necessário o emprego da violência para a realização das transformações revolucionárias.

Sobre a citada questão, da eventualidade de diferentes vias de transição, é paradigmática a resposta de Marx a Nieuwenhuis – que possui igualmente uma importante consequência do ponto de vista metodológico. Quando interrogado sobre as tarefas políticas futuras, responde:

O que é preciso fazer imediatamente em um momento determinado do futuro, depende inteiramente das condições históricas nas quais se

⁹ É importante destacar, que Marx endereça aqui igualmente, uma crítica àquelas correntes que sustentam o indiferentismo político, Marks (1969, p. 177).

¹⁰ Sobre esta questão consultar: (MARKS, 1976, p. 536). Carta de Marx a Hyndman de 8 de dezembro de 1880.

deverá atuar. Porém esta questão está posta nas nuvens e representa, portanto, um problema fantasmagórico, cuja única solução pode ser a crítica da própria questão. Não se pode resolver nenhuma equação sem que ao menos que em seus termos estejam dados os elementos de sua solução. (MARKS, 1969, p. 183),¹¹

Defrontamo-nos aqui com questões teórico-metodológicas de grande alcance. Uma análise das observações desenvolvidas de Marx sobre a *possibilidade / necessidade* do emprego da violência revolucionária, da *eventualidade* de uma *pluralidade* de vias revolucionárias e da *crítica a toda fraseologia abstrata*, pode nos indicar que não é arbitrário afirmarmos a presença de uma concepção multilinear da transição. Esta sugestão de leitura torna-se ainda mais significativa se compararmos estas afirmações a outro conjunto de reflexões teóricas que Marx desenvolve paralelamente neste mesmo período. Estamos, aqui, nos referindo aos seus diversos escritos sobre a Rússia: *Carta a Redação de “Otietchestviennie Zapiski”* (1877); *Rascunhos e Carta a Vera Zaslitch* (1881) como também as suas *Notas etnográficas de Karl Marx* (1880 – 1882) (KRADER, 1988).

Nestes textos, Marx se opõe, de forma taxativa, a toda tentativa de transformar a sua concepção materialista da história em uma filosofia da história¹², como também, se interroga sobre as possibilidades de um desenvolvimento não capitalista na Rússia, tendo como ponto de partida as comunas rurais.¹³

¹¹ Cf. igualmente a “Entrevista com o criador do socialismo moderno. Correspondência especial do ‘Tribune’”. (MARKS, 1976, p. 565-575): “Muitos pontos deste programa não tem sentido além da Alemanha. Espanha, Rússia, Inglaterra e América possuem o seu programa, adaptados as suas específicas dificuldades. A única semelhança entre eles se reduz do objetivo final comum”. (MARKS, 1976, p. 569).

¹² “A todo o custo, (o meu crítico), quer converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica sobre a trajetória geral a que se acham fatalmente submetidos todos os povos, quaisquer que sejam as circunstancias históricas que nelas concorram, para chegar enfim naquela formação econômica que, a par do maior impulso das forças produtivas do trabalho social, assegura o desenvolvimento do homem em todos e cada um dos seus aspectos. (Isso me traz demasiada honra e, ao mesmo tempo, demasiado escárnio.) [...] Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica.” (MARX, 1980, p. 64-65).

¹³ “Se a revolução se efetuar em um momento oportuno, se concentrar todas as suas forças (se a parte inteligente da sociedade russa) (se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país), em assegurar o livre desenvolvimento da comuna rural, esta se revelará rapidamente um elemento regenerador da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países dominados pelo capitalismo.” (MARX, 1980, p. 45).

Igualmente rico em consequências teóricas são as repetidas passagens de Marx, em seus esboços de *Cartas de Karl Marx a Vera Zasulich*, no qual introduz uma dialética entre o “social” e o “individual”, que nem sempre foi devidamente observada na tradição marxista sucessiva. Distinguindo a comuna rural russa das comunidades arcaicas, Marx (1980, p. 35-36) observa:

Este tipo primitivo da produção coletiva ou cooperativa foi, está claro, consequência da debilidade do indivíduo isolado e não da socialização dos meios de produção. É fácil compreender que o dualismo inerente a “comuna agrícola” pode dotá-la de uma vida vigorosa, porque por uma parte a propriedade comum e todas as relações sociais que dela decorrem fazem firme sua base, ao mesmo tempo em que a casa privada, o cultivo parcelário da terra laboral e a apropriação privada dos frutos admitem um desenvolvimento da individualidade, incompatível com as condições das comunidades mais primitivas. Porém não é menos evidente que o mesmo dualismo pode com o tempo converter-se em causa de sua decomposição.¹⁴

De maneira conclusiva podemos ainda remeter as reflexões de Marx desenvolvidas em Carta a Kugelmann de 17 de abril de 1871, sobre o problema do acaso:

A história universal seria por certo muito fácil de fazer se a luta só aceitasse perspectivas infalivelmente favoráveis. Seria por outro lado de natureza muito mística se o “azar” não desempenha nenhum papel. Estes mesmos acidentes acontecem naturalmente no curso geral do desenvolvimento e são compensados por sua vez por outros acidentes. Porém a aceleração e o atraso dependem muito destes “acidentes”. Entre os quais figura o “acidente” de quem aparece no princípio a frente do movimento. Esta vez o acidente decisivo e desfavorável não deve ser procurado de modo algum nas condições gerais da sociedade francesa, senão na presença dos prussianos na França e em sua posição frente de Paris. (MARX, 1973, p. 230).

14 Cf. também, ao lado da passagem anteriormente citada: “Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento de propriedade privada que implica triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará frente aquele. Tudo depende do meio histórico aonde se encontre ... Estas duas soluções são possíveis a priori, mas para uma ou para outra é evidente que se requerem meios históricos completamente diferentes”. (MARX, 1980, p. 37); “Chego agora ao cerne da questão [...] dualismo íntimo que, dadas certas condições pode acarretar a sua ruína <sua dissolução>.” (MARX, 1980, p. 50). “Quer isso dizer que o caminho da comuna agrícola deva fatalmente concluir assim? De maneira nenhuma. Seu dualismo inato, admite uma alternativa: seu elemento de propriedade triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará sobre aquele. Tudo depende do meio histórico aonde se encontre inserido.” (MARX, 1980, p. 55).

Estas palavras de Marx parecem antecipar a reflexão de outro pensador marxista, que um século depois, refletindo sobre a questão do Estado e da transição e das experiências revolucionárias do século XX, procurou uma alternativa no “materialismo aleatório”. Porém este é outro capítulo.

REFERÊNCIAS

- BENSAÏD, D. Politiques de Marx: des luttes de classes à la guerre civile en France. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Inventer l'inconnu: textes et correspondance* autor de la commune. Paris: La Fabrique, 2008.
- KRADER, L. (Org.). *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores; Editorial Pablo Iglesias, 1988.
- LÖWY, M.. *A teoria da revolução no Jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LUPORINI, C. Crítica de la política y crítica de la economía política de Marx. In: MARRAMAO, G. et al. *Teoría marxista de la política*. México: Siglo XXI, 1981. p. 69-110.
- MARKS, K. Entrevista de K. Marx ao representante do Jornal “The World” de 18 de julho de 1881. In: MARKS, K.; ENGELS, F. *Dziela MED XVII*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1968.
- _____. Notas ao livro de Bakunin “Estatismo e Anarquia”. In: MARKS, K.; ENGELS, F. *Dziela XVIII*, Warszawa: Książka i Wiedza, 1969. p. 675 – 730.
- _____. Carta de Marx a Kugelmann de 17 de abril de 1881. In: _____. *Dziela MED XXXIII*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1973.
- _____. Carta de Marx a Hyndman de 8 de dezembro de 1880. In: _____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.
- _____. Carta de Marx a Liebknecht de 11 de fevereiro de 1877. _____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.
- _____. Carta de Marx a Sorge de 19 de outubro de 1877. In: _____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.
- _____. Carta de Marx a Domela Nieuwenhuis de 22 de fevereiro de 1881. In: _____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.
- _____. Carta de Marx e Engels a Bebel, Liebknecht, Bracke e outros de setembro de 1879. In: _____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.
- _____. *Dziela MED XVIII*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1969.

_____. *Dziela MED XXXIII*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1973.

_____. *Dziela MED XXXIV*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1976.

_____.; ENGELS, F. *Dziela MED XVII*. Warszawa: Książka i Wiedza, 1968.

MARX, K. Carta de Karl Marx a la redacción de “Otiechestviennie Zapiski. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Escritos sobre Rusia II: El Porvenir de la comuna Rural Rusa*, Mexico: Siglo XXI, 1980.

_____. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011

_____. *O 18 de brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Crítica ao Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012,

_____. Las Lucha de Clases en Francia de 1848 a 1850. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras Escogidas I*. Moscou: Editorial Progreso, 1980.

_____. Carta de Marx a J. Weydemeyer de 5 de março de 1852, In: MARX E ENGELS, *Obras Escogidas I*. Moscou: Editorial Progreso, 1980.

_____. Carta a Kugelmann de 17 de abril de 1871. In: _____. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____.; ENGELS, F. *Obras escogidas I*. Moscou: Editorial Progreso, 1980.

_____.; _____. *Escritos sobre Rusia II: el porvenir de la comuna rural Rusa*, Mexico: Siglo XXI, 1980.

SACRISTÁN LUZON, M. Los últimos años de Marx en su correspondência. [1983?]. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/119243.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2013.

ZOLO, D. *La teoria comunista dell'estinzione dello Stato*. Bari: De Donato. 1974.